



*Agenda 150 Anos de Memória
Histórica do Tribunal Bandeirante*

*Homenagem ao
Desembargador José Mário Antonio
Cardinale*

05/10/2015

ÍNDICE

Clique nas chamadas para ser remetido para a página onde se localiza o texto

PALAVRAS PROFERIDAS - Des. Carlos Teixeira Leite (Orador em nome do Tribunal de Justiça de São Paulo)

DISCURSO PROFERIDO EM NOME DA FAMÍLIA - Dr. Luís Guilherme Vaz de Lima Cardinale (filho do homenageado)

ENCERRAMENTO - Des. Eros Piceli (Vice-Presidente do Tribunal de Justiça)

A Corte paulista, em cerimônia realizada no Palácio da Justiça, homenageou o desembargador **José Mário Antonio Cardinale**, em continuidade à Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal Bandeirante.

O Salão do Júri do Tribunal de Justiça de São Paulo foi palco de mais um evento da **Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal de Justiça Bandeirante**. O homenageado da noite foi o desembargador José Mário Antonio Cardinale, corregedor-geral da Justiça no biênio 2004/2005.

Cardinale nasceu na Capital paulista, em 1937. Formou-se pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, turma de 1959. Ingressou na Magistratura em 1962 e, ao longo da carreira, trabalhou em Sorocaba, Eldorado, Itapira, Guaratinguetá, Santo André e São Paulo. Foi promovido a juiz dos tribunais de Alçada Criminal e Civil no mesmo ano, 1979. Chegou ao cargo de desembargador do TJSP em 1983. Além de corregedor-geral da Justiça, também foi presidente do Tribunal Regional Eleitoral em 2001. Aposentou-se em 2007 e faleceu em 2012.

O desembargador **Carlos Teixeira Leite Filho** foi orador em nome da Corte. Falou sobre sua relação profissional com o homenageado e relatou testemunhos de autoridades do TJSP sobre José Mário Antonio Cardinale. “Apesar de ter exercido elevadas funções no Poder Judiciário, sempre se mostrou coerente com seu ideal de vida, não se deixando iludir pela pompa dos cargos.”

Em seguida, o juiz **Luís Guilherme Vaz de Lima Cardinale**, filho de José Mário, discursou em nome da família:

Excelentíssimo Senhor Vice-Presidente, Desembargador Eros Piceli, na pessoa de Vossa Excelência gostaria de saudar, cumprimentar e agradecer a presença das demais autoridades, amigos e familiares.

E, neste momento senhor Vice-Presidente, parabenizar pela realização das homenagens aos integrantes da Magistratura Paulista em comemoração à “Agenda 150 Anos de Memória Histórica” deste Egrégio Tribunal de Justiça.

Cada um dos que foram e serão homenageados fez parte da história do Poder Judiciário Paulista, contribuindo para que hoje possamos ter o maior Tribunal de Justiça, gozando de credibilidade e respeito, malgrado dificuldades enfrentadas.

E para nós da família Cardinale, muito nos honra haver o meu pai, o Desembargador José Cardinale, como um dos homenageados.

Agradeço, outrossim, ao Desembargador Carlos Teixeira Leite Filho, pelas palavras proferidas e mais do que isso pelo que Vossa Excelência significou para o meu pai, durante a convivência tanto no Tribunal Regional Eleitoral como na Corregedoria Geral de Justiça.

Meu pai, José Mário Antonio Cardinale, nasceu em 18 de junho de 1937, filho de José Cardinale e Leonilda Forte Cardinale.

Meu avô veio ao Brasil com 24 anos de idade da Itália a fim de lecionar na escola de um seu conterrâneo, o Professor Antonio Prátola, na Barra Funda em São Paulo. Acabou por criar vínculo nesta cidade, na qual lecionava. Foram 43 anos de magistério em São Paulo.

Aqui conheceu minha Avó Leonilda Forte Cardinale e casaram-se. Minha avó, além de tomar conta da casa, lecionava durante o dia na escola de datilografia, que funcionava junto a escola fundada pelo meu avô, bem como dava aulas no curso Primário desta escola. À noite era professora de piano, formada pelo conservatório Dramático e Musical de São Paulo.

Já meu avô era enérgico, um professor nato. Tinha cultura humanística. Era profundo conhecedor de literatura italiana, lecionou grego, latim, francês, matemática e caligrafia. Era fiel às suas origens, mantinha as



tradições de sua cidade natal, principalmente as comidas. Habitualmente conversava em italiano, para que os filhos se familiarizassem com esse idioma e como religioso que era, fazia com que, consigo, frequentassem a missa todos os domingos na Igreja São Francisco.

Desta união; três filhos: Wilma, meu Pai e Lúcia.

Todos terminaram o curso universitário e formaram as suas próprias famílias. Wilma formou-se na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, no curso de Ciências Naturais, casando-se com Samuel Murgel Branco e Lúcia formou-se na Faculdade de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica, casando-se com Ronny Opdebeeck.

Exemplos de vida para o meu pai, que com eles se inspirou para se tornar um grande homem.

Meu pai estudou na escola de meu avô, Escola Comercial Paulista, depois no tradicional colégio Caetano de Campos e por fim no Colégio Roosevelt. Falava inglês, alemão, francês e italiano.

Cursou a faculdade de direito da Universidade de São Paulo, no Largo São Francisco e prestou concurso para ingresso na Magistratura em 1962, classificando-se em 2º lugar. Na época era o juiz mais jovem.

Foi Juiz de Direito Substituto em Sorocaba e Titular das Comarcas de Eldorado Paulista, a qual assumiu em 1964, Itapira em 1966, Guaratinguetá em 1967 e Santo André em 1968 (Terceira Vara Cível).

Na Capital foi Titular da 15ª Vara Cível assumindo-a em 1963, Juiz do Tribunal de Alçada Criminal em 1979 e depois do Segundo Tribunal de Alçada Civil, atingindo o grau mais elevado na Magistratura Estadual – Desembargador – em 1º de junho de 1983. Assumiu, também, a Vice-Presidência e Corregedoria do Tribunal Regional Eleitoral em janeiro de 2000 e no biênio de 2001 até 2003 foi o seu Presidente. Na oportunidade presidiu as Eleições Gerais de 2002.

Disputou a eleição para Corregedor, sendo eleito por aclamação. Não obteve êxito em sua eleição para Presidente e até completar 70 anos de idade, quando se aposentou compulsoriamente, exerceu o Decanato neste Egrégio Tribunal.

No âmbito familiar também era um homem realizado.

Casou-se em primeiras núpcias com a nossa mãe Maria Odila Vaz de Lima Cardinale, que, infelizmente, faleceu em 20 de fevereiro de 1983, aos 41 anos de idade. Em segunda núpcias casou-se com Isabel Correa Sigala, vindo posteriormente a separar-se.

Meu pai teve três filhos, todos da união com minha mãe Maria Odila. Eu, minha irmã Mônica e o caçula Marcos.

Os três também concluíram os cursos universitários. Eu a faculdade de direito da Pontifícia Universidade Católica, porquanto não fosse a preferência de meu pai, já que oriundo das Arcadas, sempre foi muito orgulhoso por haver seguido seus passos, principalmente quando passei no concurso da Magistratura Estadual. Atualmente sou Juiz de Direito da Comarca de São Vicente e casado com Michelle.

Mônica formou-se em educação física na OSEC e em fisioterapia na UNICID. Atualmente é empresária da área de saúde, mãe de Felipe de seu casamento com Paulo. Por ser a única filha mulher era o xodó de meu pai a quem ele se referia carinhosamente como Fifs.

E Marcos, o companheiro de meu pai de longas e frequentes conversas, formou-se na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. É engenheiro de uma empresa de telefonia, casado com Giovanna e pai de João Pedro e Antonio.

São três os netos.

Após aposentar-se costumeiramente dizia que a sua profissão era avô.

Ao lembrar meu pai, auxiliado por meus irmãos, vem a referência predados marcantes como serenidade, ponderação, sensatez, bom senso, zelo, proteção, integridade, justiça, conciliação, tranquilidade e bom humor.

Poucas vezes o vi reclamar dos dissabores da vida, era observador, não raramente nos questionava, com o fim de obter respostas para que pudesse saber se precisávamos de algo e de que forma poderia fazê-lo. Sempre



conseguia por suas indagações, a princípio despretensiosas, que olhássemos outro ponto de vista.

Era como se soubesse tudo o que acontecia ao seu redor. Talvez, até o que estava por vir. Sabedoria adquirida com a vida. Por isso, aos filhos não foi de se estranhar a sua serenidade quando foi internado e até mesmo quando da notícia da doença; predicado que impressionou a própria equipe médica. Por mais que tenha sido penoso o tratamento, se mantinha firme e sem reclamar.

Meu pai, sempre foi preocupado com os filhos. Arcou com responsabilidade de ser pai e mãe muito cedo. Eu, o mais velho, tinha 14 anos de idade, minha irmã 12 e o Marcos, apenas 6. Com o falecimento de nossa mãe, ele assumiu os dois papéis que muito nos orgulha. Criou-nos com igualdade, querendo estar junto de nós e por isso hoje ainda somos muito unidos. E fez com coisas simples como finais de semana na casa de praia, almoço no costureiro restaurante, e os tradicionais encontros de domingo em família, acompanhados de massa – fusilli, preferencialmente, a qual fazia questão de experimentar antes de ser posta à mesa, com bons vinhos.

Era admirado pelos sobrinhos. Com muitos mantinha um carinho de pai, e especialmente pelos netos, a quem tinha um carinho todo especial. É de ser lembrada a feição de satisfação, quando nos fins de semana, na casa de praia, os netos apressavam-se pela manhã a comprar o jornal para o vovô, antes mesmo que ele acordasse.

Tratava bem a todos indistintamente. Conquistou amizade e respeito de todos que com ele tiveram contato: funcionários de lojas, restaurantes, bancos e, em especial, da família forense. E, por muitas vezes, sempre encontro alguém que carinhosamente relembra dele e mostra-se perplexo por sua partida.

Sensato, constantemente era o primeiro a ser procurado quando uma dúvida ou um problema se avizinhava. Apaziguador, sempre com bom senso, era um bom ouvinte. A sua prima Neusa que o diga. Mas, agia assim com todos e era sempre procurado.

Marcos tem como recordação mais presente em sua memória as conversas noturnas que tinha com o pai, que lhe serviram como baliza do dia a dia com doses de equilíbrio e ponderação.

Tamanha era sua vontade de estar sempre em contato que, certa feita, após ficar dois ou três dias sem se falar devido a correria do dia a dia, o meu pai ligou para ele e nas primeiras frases do diálogo pediu-lhe que pegasse um papel e caneta para anotação. Preocupado com a seriedade da informação, meu irmão procurou rapidamente um papel e caneta e aguardou as próximas recomendações. Meu pai disse: “Anote um número por favor!” Meu irmão respondeu: “ok, pode falar”. Algarismo a algarismo, ele soletrou o número do telefone de sua casa! E pediu para ele não esquecer.

Mônica tem o pai como o grande exemplo de vida, um ideal de caráter e sabedoria e, principalmente, dedicação. Agradecida e privilegiada em ter sido sua filha e por ter adquirido princípios importantes de formação de uma pessoa, exemplo que ela passa ao seu filho, Felipe. Lembra da paciência que ele tinha, sempre que na época do colégio ela dava festinhas em casa, praticamente a cada fim de bimestre. Eram permitidas, mas por ele acompanhadas e fiscalizadas.

Infelizmente em junho de 2012 soubemos que estava acometido de uma terrível doença. Foram seis meses de luta, sofrimento, mas que ele fazia questão de não demonstrar. Apesar de tudo, mantinha a sua rotina, como os almoços aos domingos e as idas à casa de praia. Inclusive planejávamos passar aquele final de ano lá. Entretanto, as internações se mostravam frequentes. E pouco antes do natal, a última internação. Mas tentando não demonstrar... tentando transmitir serenidade da mesma forma a enfrentou, mesmo sabendo da gravidade. Na véspera de natal, quando apenas a esperança restava, conseguiu com que os netos, já que ainda não entendiam o que estava acontecendo, pudessem ter momentos de alegria. E na madrugada do Natal de 2012 partiu. E as suas últimas imagens ainda passavam tranquilidade.

Hoje tenho certeza, que junto com a nossa mãe está olhando pelos filhos e netos. E nós muito temos a agradecer a enorme dedicação à sua carreira de magistrado e aos seus familiares.

Obrigado a todos pelo carinho que sempre tiveram com nosso pai e, hoje pela presença. E que Deus abençoe a todos.



O vice-presidente do Tribunal de Justiça, desembargador Eros Piceli, que também representou o presidente, desembargador José Renato Nalini, fez o encerramento da cerimônia. “Os grandes nomes da Magistratura, que já estão gravados no TJSP, são lembrados neste momento de crise das virtudes.”

Prestigiaram a cerimônia o corregedor-geral da Justiça, desembargador Hamilton Elliot Akel; os desembargadores Artur Marques da Silva Filho, Geraldo Francisco Pinheiro Franco e Ricardo Mair Anafe, presidentes das seções de Direito Privado, Criminal e Público, respectivamente; o ouvidor do TJSP, desembargador Mohamed Amaro; o presidente da Academia Paulista de Magistrados, desembargador Renato Salles de Abreu Filho; o presidente da Comissão de Resgate da Memória da Ordem dos Advogados do Brasil – Seção São Paulo, José da Ávila Cruz, representando a presidente; o juiz assessor e chefe do Gabinete Civil da Presidência, Ricardo Felício Scaff; o chefe de gabinete da Presidência do TJSP e decano da Academia Paulista de Letras, poeta Paulo Bomfim; os filhos do homenageado Marcos Vaz de Lima Cardinale e Mônica Vaz de Lima Cardinale; as noras Michelle e Giovanna; o neto Felipe; desembargadores, juízes, autoridades civis e militares, membros do Ministério Público, defensores públicos, advogados, familiares, servidores e convidados.

